

# **A TEMÁTICA DO AMOR HOMOSSEXUAL, NA SEGUNDA BUCÓLICA, DE VIRGÍLIO**

*Tobias Vilhena de Moraes* (Museu Lasar Segall)  
[tovilhena@yahoo.com.br](mailto:tovilhena@yahoo.com.br)

*Márcio Luiz Moitinha* (FFP-UERJ e UERJ)  
[marciomoitinha@hotmail.com](mailto:marciomoitinha@hotmail.com)

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar algumas reflexões sobre a temática do amor homoerótico e do amor-veneração, na Antiguidade Clássica. Para tanto, utilizaremos como ponto de partida a Bucólica II, de Virgílio.

### **Palavras-chave:**

**Bucólicas. Amor-veneração. Amor homossexual.**

## **ABSTRACT**

The present work has as main objective to present some reflections on the theme of homoerotic love and love-veneration, in Classical Antiquity. For that, we will use Virgilio's Bucolic II as a starting point.

### **Keywords:**

**Bucolics. Love-veneration. Homosexual love.**

## ***1. Introdução***

Na poesia grega e latina de todas as épocas, existem inúmeras referências ao homossexualismo. Suas variações entre os autores clássicos diferem profundamente, quando observamos o tratamento dado e o contexto social no qual cada obra foi escrita.

A seleção de uma obra e uma pequena parte desta nos permitem enfocar de forma pormenorizada como o tema foi tratado, em um momento histórico específico. Para tanto, neste artigo, selecionamos a Bucólica II, de Virgílio, obra fundamental em qualquer análise sobre a Antiguidade clássica. A partir de sua análise, refletiremos sobre algumas temáticas, que foram tão caras à poesia pastoril como o amor homossexual e o amor-veneração.

Nesta Bucólica, cabe destacar, o tema principal: o amor no qual o velho e curvado pastor Coridão reclama da indiferença do jovem e belo,

Aléxis, escravo de outro senhor. No entanto, Coridão apesar de inúmeras tentativas amorosas tenta ganhar em vão sua afeição.

Logo, neste breve estudo, acreditamos que será possível levantarmos algumas questões sobre o homossexualismo, em Roma, assim como abriremos espaço para apresentarmos um debate, uma discussão ou uma reflexão a respeito dos estudos sociológicos e morais, na antiguidade clássica, acerca do amor.

## **2. Breve análise**

Ao longo dos últimos anos, diversos pesquisadores (historiadores, sociólogos e arqueólogos) brasileiros e estrangeiros têm-se debruçado sobre temas relativos à história dos sentimentos, na Antiguidade Clássica. Para tanto, buscam recorrer às fontes escritas dos principais autores clássicos, tentando compreender de alguma forma como eram construídos os sentimentos e comportamentos sociais no período (FUNARI; FEITOAS; SILVA, 2003, p. 21-34).

Considerando as diferentes vertentes que este tipo de análise poderia levar-nos, acreditamos ser mais razoável oferecer uma pequena visão sobre alguns dos aspectos sexuais da sociedade e da moralidade antiga romana a partir de uma das obras mais conhecidas de Virgílio.

Obviamente, não temos como objetivo esgotar um tema tão vasto, neste breve artigo. Apenas trataremos de um único e diminuto elemento da vida sexual romana. Achamos relevante deixar isto claro, no princípio, porque existe todo um imaginário construído ao longo dos últimos anos, consolidado principalmente pela mídia televisiva, sobre a sexualidade no mundo antigo. Rebatê-lo, ou ao menos diminuir os erros de interpretação demandariam um projeto de longo fôlego, que não seria possível ao nos determos, em apenas uma obra.

Claro que a visão deturpada de hoje, não advém apenas de interpretações enviesadas da antiguidade. Muito deste imaginário acerca da Roma antiga foi criado e moldado através de narrativas deixadas pelos próprios romanos. Autores como Suetônio, por exemplo, descreviam a crueldade e os excessos dos imperadores, assim como costumes luxuriosos, que se espalhavam, nas cortes e entre os próprios cidadãos.

Várias descrições ao longo da história foram propositalmente amplificadas, ajudando a consolidar um imaginário de um mundo de orgias

construído segundo esta visão pelos próprios romanos. Claramente, muitas destas descrições tinham como escopo, na verdade, detratar certos personagens históricos que por algum motivo haviam caído em desgraça. Muitos destes ‘pecadores’ são conhecidos de nós hoje, exatamente pelos seus eventuais ‘desvios morais’.

Nero, Calígula, Tibério, Caracala, entre tantos outros, sempre são lembrados pelos seus excessos. Toda uma grande narrativa que tinha como principal objetivo deixar para posteridade exemplos de licenciosidade e práticas sexuais ‘incomuns’, que teriam sido responsáveis de alguma forma por problemas enfrentados em determinado momento, na sociedade romana (JÚNIOR, 2017, pág. 7-11).

Interpretações que só se agravariam, nos séculos seguintes, quando a moral judaico-cristã passou a vigorar. Ainda mais, após a queda de Roma, quando se consolidou de vez a visão de uma sociedade romana, permeada por luxúria e por devassidão.

Longe de moralismos, queremos, neste artigo, deixar claro qual enfoque que tomamos para analisar o tema da homossexualidade, na Antiguidade Clássica.

### **3. *Premissas sobre a homossexualidade***

K. J. Dover (DOVER, 2000, p. 12-14) tem sido uma das principais referências, nos estudos sobre a homossexualidade, na antiguidade clássica. Como o autor deixa claro:

[...] a homossexualidade foi definida como a disposição para buscar prazer sensorial através do contato corporal com pessoas do mesmo sexo, preferindo-o ao contato com o outro sexo. (DOVER, 1978, p. 13)

Foucault (FOUCAULT, 2001, p. 167; 1984, p. 137), e Flores (FLORES, 2017, p. 13-19) contestam, em suas obras, o termo homossexualismo e homossexualidade, preferindo adotar o termo homoerotismo. Esta escolha, segundo os autores, se deve principalmente porque não existe, nos textos antigos, a ideia de homossexual como um indivíduo, que se identifica subjetivamente segundo sua vida afetiva.

A postura destes pesquisadores foge do olhar anacrônico que interpreta a homossexualidade antiga como similar àquela de nosso tempo presente.

As concepções modernas sobre homossexualismo diferem muito daquelas adotadas, na Roma antiga, sobretudo, porque a heterossexualidade, a bissexualidade e a homossexualidade não eram tratadas do ponto de vista individual (FLORES, 2017, p. 13-23).

Um indivíduo, que se identifica subjetivamente como homossexual, somente acontecerá, no século XIX, quando a sexualidade passa a se tornar peça chave da individualidade humana, principalmente no processo de consolidação do capitalismo e das forças produtivas.

Em Roma, por outro lado, devemos compreender que estamos, em outro contexto social, no qual se regiam as relações sociais entre o coletivo (cidadão e não cidadão, senhor e servo). Por exemplo, a lei romana deixava bem clara que ela agia para proteger os corpos de seus cidadãos, mesmo não adultos. Tanto meninas (*virgines*), preservadas para o casamento, como meninos (*pueri*) eram protegidos por um conjunto de leis. O ato de violar os corpos dos jovens, por exemplo, seria considerado como uma violação gravíssima, mesmo quando consentido, sendo definida como *stuprum* pela lei Escatínia.

Homens adultos poderiam ter relações sexuais com outros homens sem serem incomodados, não sendo interdito que tivessem desejo por um jovem, pois para os romanos os corpos eram desejáveis e não havia nada de reprovável nisso! Os romanos adultos podiam relacionar-se ainda com jovens escravos e crianças escravas do mesmo sexo, sendo que o corpo do escravo poderia ser usado pelo seu senhor como este quisesse, já que aquele era sua posse e assim não era regido pelas leis que protegiam os cidadãos. Ao se portarem assim não haveria possibilidade de ofensa entre ambos, visto que o senhor usava de seus objetos e o escravo (ao não ter o domínio de seu corpo) apenas cumpria com seus deveres.

Se, na Grécia, a pederastia assumiu um caráter institucional, os romanos contavam com “prostitutos unicamente com homens e jovens, dispostos a desempenhar o papel ativo ou passivo, segundo as preferências do cliente” (CUATRECASAS, 1997, p. 112).

Logo, entramos, em um ponto crucial de nossa análise aqui. Para os romanos, caso um jovem cidadão se entregasse ao prazer de um adulto, este comportamento poderia ser visto de maneira reprovável, pois o jovem estaria comportando-se, ao final como um escravo. Isso porque estaria submetendo-se ao prazer de outra pessoa, o que constituía uma prática inaceitável, segundo os conceitos de masculinidade (*virtus*) da época.

Nesse ponto, fica claro: o que ‘diminuía’ a masculinidade do jovem para um romano não era o ato sexual com outro homem, mas o ato de submissão, consentido, através da relação sexual.

Estas informações devem ser consideradas quando partirmos para a análise das conversas entre Coridão (um velho) e Aléxis (jovem escravo de outro senhor). Estes dois personagens, apesar do abismo que os separam, nos demonstram como o afeto se desenvolvia, naquela sociedade, embora silenciado por um certo pudor existentes por causa das interdições que os cercavam.

Apesar destes interditos (leis, convenções, costumes...), o impedimento não suprimia o desejo, podendo inclusive funcionar como um gatilho, não expostos, nos documentos e obras, que chegaram, até nós. Isto é, fora do discurso oficial, nada impede que a prática fosse diferente e recorrente, não tendo sido exposta de maneira pelos autores clássicos (*obscaena*).

#### **4. As Bucólicas, em seu contexto**

Diversos autores do passado nos trazem informações sobre as origens das Bucólicas como um fenômeno estético literário. Os dados mais aceitos hoje apontam que este foi gênero tardio, tipicamente helenístico, inventado por Teócrito de Siracusa, no século III a. C.

Segundo Sérvio, gramático do século IV d.C., o termo tem origem grega, significando “guardadores de bois”. Para este autor, os rústicos e pastores tinham bois como os principais animais para a labuta diária. Neste sentido, o canto bucólico teria sua origem, em canções produzidas pelos pastores em honra de Diana.

O amor pela natureza e a busca de uma comunhão com esta, seriam alguns dos principais motes do gênero bucólico.

##### **4.1. A obra**

As Bucólicas são uma das obras menores de Virgílio, isso quando tomamos como classificador a separação dos *genera dicendi* que as dividem em 3: *humile, medium, grandiloquum*.

De acordo com esta classificação, as Bucólicas são um poema *humilis* (menor), enquanto outras de suas obras mais conhecidas como

*Geórgicas* e a *Eneida* podem ser denominadas *mediocris* e *grandiloquus*.

Para o desenvolvimento desta obra, Virgílio aproveitou a sua própria história de vida, tendo em vista que cresceu fora de Roma, em contato com a natureza. Ao longo de todo texto, podemos identificar relatos desta vida camponesa, quando descreve as cidadezinhas da região, a paisagem e a vegetação que viu nascer (ROBERT, 1995, p. 159-60).

Virgílio canta a natureza, em cada um de seus versos, inserindo neles um tom de sinceridade sempre balizado, em algum detalhe verdadeiro. Por sua vez, a paisagem, nos contornos das pequenas colinas, pelas quais seus personagens caminham, ganham força expressiva, através de sua imaginação descritiva.

Por meio de sua obra, o ditado “minha vila, minha pátria”, ganha contornos quase líricos, ao descrever todo um mundo, muito distante do centro romano, já consolidado. Toda a poesia virgiliana está carregada de cenas campestres. Abundam em suas descrições imagens de colinas, ervas do rio, olmeiros folhudos, pastores puxando cabras, um podador cantando enquanto executa a sua tarefa...

Há, ao longo do texto, toda uma nostalgia, que se encaixa perfeitamente, no período histórico, no qual viveu Virgílio, quando um grande fluxo de pessoas do campo se dirigiram à urbe, fazendo com que inúmeras pessoas se amontoassem, em pequenas casas de aluguel. Evidentemente, não é difícil de imaginar, que a saudade da vida anterior permearia as conversas, nestes estabelecimentos.

Virgílio, mais do que qualquer outro autor, conseguiu exprimir o que outros se contentavam, em sentir. Havia deveras um sentimento que crescia com o passar do tempo, ainda mais quando pobres e ricos empreendiam viagens de retorno às suas províncias natais. Viagens que poderiam ter como finalidade o prazer, ou a obrigação. Muitos, por exemplo, iam a Roma para assistir aos jogos, na ocasião de uma festa; outros viajavam para consolidar sua força, em campanhas políticas.

Partamos assim para uma análise de alguns trechos da obra, que nos permitam aprofundar o que foi apontado, até aqui. Para tanto, utilizaremos a tradução recentemente publicada por RIBEIRO, M. L. M., SOARES, D. A., PINHEIRO, P. F. M., MORAES, T. V. (RIBEIRO, 2020, p. 1-24).

## Coridão apaixonado

*FORMOSVM pastor Corydon ardebat Alexim,  
delicias domini: nec quid speraret habebat.  
Tantum inter densas, umbrosa cacumina, fagos  
adsidue ueniebat; ibi haec incondita solus  
montibus et siluis studio iactabat inani: 5  
“O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas?  
nil nostri miserere? mori me denique coges.  
Nunc etiam pecudes umbras et frigora captant;  
Nunc uiridis etiam occultant spineta lacertos,  
Thestylis et rapido fessis messoribus aestu 10  
alia serpullumque herbas contundit olentis.*

“O pastor Coridão ardia pelo formoso Aléxis,  
delícias do (seu) senhor: nem tinha o que esperava.  
Tanto assiduamente vinha entre densas faias, entre os umbrosos cimos (das árvores); aí  
sozinho lançava estas (palavras) desordenadas aos  
montes e às selvas com inane dedicação: 5  
Ó cruel Aléxis, em nada cuidas dos meus carmes?  
em nada tem misericórdia de nós? Coagir-me-ás enfim a morrer.  
Agora ainda os rebanhos captam as sombras e os frios;  
agora ainda as sarças ocultam os lagartos verdejantes,  
e Téstilis esmaga alhos e serpão, ervas que exalam perfume,10  
para os ceifeiros fatigados pelo violento calor.”

No segundo verso, podemos identificar o uso de uma interrogação indireta (*quid* + verbo no subjuntivo). O objetivo do autor, é deixar claro, já nos primeiros versos de sua obra, a impossibilidade de amor do pastor Coridão por Aléxis, tendo em vista que o rapaz é inclusive servo de outro senhor, não sendo sua posse.

De forma a elucidar ainda mais como se dá a paixão, Virgílio busca utilizar certa plasticidade descritiva. Por isso no terceiro verso, Coridão aparece escondendo-se, atrás das densas faias, observando a beleza do jovem por quem tem interesse.

A própria expressão *cacumina* umbrosa, parece carregar ao menos três sentidos: No primeiro, ao usar a metáfora das sombras, fica claro que o pastor tinha vergonha do ato de se apaixonar. Em seguida, ao se esconder em cima da árvore, Coridão mais uma vez busca as sombras para vislumbrar atos que considera vil (desejar um servo de outro senhor). Por fim, o termo *cacumen* (um ornato colocado, no topo dos templos romanos), pode indicar uma espécie de fastígio, isto é, Aléxis seria para Coridão “um umbroso fastígio”, algo além do seu alcance, como varão.

Perturbado por esta paixão, o velho pastor apaixonado começa a perder o foco de seu trabalho, no campo, e se volta à paixão desordenada. Coridão começa agir, em desvario, lançando (‘ejaculando’) “palavras” desordenadas. Certamente o vocábulo verbal *iactabat*, assume aqui um sentido erótico, tanto para o termo, como para o contexto desta passagem.

Importante observar ainda, no verso 9, que o poeta parece jogar com o recurso estilístico da catacrese ao colocar o termo *lacertos* como “braços” verdes da árvore o que ajuda a simbolizar os braços verdejantes da sarça, como um ato para esconder da visão os dois amantes.

Abaixo, outra pequena passagem, que merece nossa atenção:

*At mecum raucis, tua dum uestigia lustrō,  
sole sub ardenti resonant arbusta cicadis.  
Nonne fuit satius tristis Amaryllidis iras  
atque superba pati fastidia? Nonne Menalcan, 15  
Quamuis ille niger, quamuis tu candidus esses?  
O formose puer, nimium ne crede colori!  
Alba ligustra cadunt, uaccinia nigra leguntur.  
Despectus tibi sum, nec qui sim quaeris, Alexi,  
quam diues pecoris, niuei quam lactis abundans. 20*

“Mas comigo, enquanto percorro com os olhos os teus vestígios  
sob um ardente sol, ressoam os arbustos com roucas cigarras.  
Por ventura não foi melhor sofrer as tristes iras de Amarílide  
e os soberbos fastios? Por ventura não foi melhor sofrer Menalca, 15  
ainda que ele negro fosse, ainda que tu cândido fosses?  
Ó formoso jovem, não creias muito na cor!  
Albos ligustros caem, mirtilos negros colhem-se;  
Sou desprezado por tí, nem perguntas quem sou, Aléxis,  
quão rico (sou) de rebanho, quão abundante de leite níveo.” 20

O uso do verbo *ardere*, no sentido de “estar apaixonado” ou “estar abrasado de amor”, deixa subtendida uma ideia amorosa na qual não é o sol que arde, mas sim o próprio pastor Coridão. Em suma, o velho sofre de paixão. Sentido este, construído a partir de uma hipálage. Em seguida, o poeta usa de personificação, dando movimento aos arbustos, que ecoam, ressoam, tal como os pastores ruidosos ou retumbantes com as suas “cigarras”.

A própria beleza do jovem Alexis é descrita de forma elogiosa, sendo caracterizada como cândida, isto é, brilhante, ofuscante e resplandecente. Não importa a cor que tivesse, ele seria belo. Ao final desta



passagem, o autor nos apresenta um trecho de uma beleza estética e erótica, que nos chama a atenção.

No jogo estabelecido pelo poeta, estão patentes cores, texturas e sensualidade, que ganham vida. Para tanto, utilizará de metáforas a partir da cor branca. Uma cor, que neste mundo bucólico, é facilmente encontrada, no leite e na lã das ovelhas.

Mas o poeta não encerra aí esta descrição: diante do desdém de Aléxis, o pastor Coridão deixa expresso uma certa indiferença ao empregar termos quantitativos, tais como: “rebanho e abundante”, ou ainda quando afirma: *quam diues pecoris, niuei quam lactis abundans* = “quão rico (sou) de rebanho, quão abundante de leite níveo”. Através destes recursos lingüísticos e alusivos, o pastor exterioriza a irrelevância da serventia de Aléxis para o seu proveito. Além disso, Vírtilio também se apropria, nesta passagem, da polissemia. Faz isso quando Coridão afirma possuir um rebanho, fato que nos indica dois sentidos: 1º) os animais propriamente ditos que o pastor possui; 2º) e algum tipo de alusão aos seus servos.

Mais uma vez, ganha força a expressão “leite níveo”, que conota ao mesmo tempo o leite que os animais produzem e de maneira alusiva (e sexual) o “sêmen” dos servos.

Na passagem, a seguir, gostaríamos de destacar o uso da descrição de animais rurais (algo frequente, nas descrições bucólicas) como uma forma de estabelecer relações metafóricas entre a virilidade humana e aquela dos animais. Anfião de Dirceu serve ao poeta como um disfarce para dizer que Coridão também chamava estes animais para estarem em convivência com ele. Ora, mesmo não sendo tão feio (como descreve), os cavalos são bem “dotados” (“armados”), e Coridão deixa evidente que prefere homens bem dotados e belos. Vejamos:

*Mille meae Siculis errant in montibus agnae;  
lac mihi non aestate nouom, non frigore defit.  
Canto, quae solitus, si quando armenta uocabat,  
Amphion Dircaeus in Actaeo Aracyntho.  
Nec sum adeo informis: nuper me in litore uidi, 25*

Minhas mil cordeiras erram nos montes Sicilianos;  
o leite novo não me falta no verão, não me falta no inverno.  
Canto, costumeiro, quando aos armentos que invocava  
Anfião de Dirceu, no Aracinto Acteo.  
Nem sou tão feio: ainda há pouco me vi na praia,... 25

Além da alusão, outro recurso estilístico utilizado por Virgílio é a sinédoque, como na passagem, abaixo, na qual a cana descrita é a própria flauta, criada por Pan:

*Pan primus calamos cera coniungere pluris  
instituit; Pan curat ouis ouiumque magistros.  
Nec te paeniteat calamo triuisse labellum:  
haec eadem ut sciret, quid non faciebat Amyntas?* 35

Primeiro, Pan instruiu a unir muitas canas com cera;  
Pan cuida das ovelhas e dos pastores das ovelhas.  
Nem tu te arrependas de ter esfregado o lábio delicado, no cálamo:  
para que soubesse estas mesmas coisas o que Amintas não faria? 35

O sentido do verbo *coniungere* ganha muito maior potência, ao percebermos que não se trata apenas “esfregar” os lábios, no instrumento, mas no sentido de “pelar”, “alisar”, “gastar com o tempo”.

O sentido sexual está implícito, pois se utilizando da ironia, o cálamo nos sugere, além da flauta, o tamanho de um falo. Os termos “falo” remete à simbologia dada às representações da imagem de um pênis ereto. Nada de novo, haja vista que o falo foi adorado pelos povos antigos como um símbolo da fecundidade da natureza e mesmo hoje, na psicanálise, ainda é analisado como um signo do poder.

## 5. Conclusão

A segunda Bucólica, de Virgílio, tem sido uma das principais fontes literárias para discussão sobre a homossexualidade, no mundo antigo. Como fonte literária, ela não constitui um tratado filosófico, muito menos, uma fonte histórica documental, que nos permita conhecer, de maneira ampla, como se davam os comportamentos sexuais, no momento em que foi produzida. No entanto, como apontados, ao longo do texto, alguns detalhes podem ser capturados pelo leitor atento.

Quando essas alusões são descobertas e descortinadas à luz de outras fontes e interpretações, podem, sim, servir como ferramenta para mergulharmos, na sociedade romana.

Ademais, a potência literária do poeta reuniu algumas das mais belas passagens sobre o tema do amor proibido. Como tal, a obra traz diversos recursos estilísticos e linguísticos, que nos permitem percorrer quase lado a lado a jornada amorosa de Coridão e Aléxis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, s/d.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. V. I. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CARTAULT, A. *Étude sur les Bucoliques de Virgile*. Paris: 1897.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre homoerotismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no império romano*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- DOVER, K. J. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.
- FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos lexicais e estilísticos do bucolismo vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.
- FLORES, Guilherme Gontijo. Que cada um cante seu amor. In: CARVALHO, Raimundo; FLORES, Guilherme Gontijo; JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa; NETO, João Angelo Oliva (Eds). *Por que calar nossos amores?: Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Orgs). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003.
- GRAVES, Robert. *Os Mitos Gregos*. 2. ed. Volume I. Trad. de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

\_\_\_\_\_. *Os Mitos Gregos*. 2. ed., v. II. Trad. de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa. O amor dos homens. In: CARVALHO, Raimundo; FLORES, Guilherme Gontijo; JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa; NETO, João Angelo Oliva (Eds). *Por que calar nossos amores ?*: Poesia homoerótica latina. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LECLERCQ, R. *Les Principes de la Poétique Virgilienne*. Revue des Études Latines. Paris: Société d'Édition << Les Belles Lettres>>, 1994.

LESKY, Albin. *História de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A.

LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. Revue des Études Latines. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1993.

MAYORAL, Luis Penagos. *Gramática Latina*, 29. ed. Santander. Sal Terrae, 1973.

MAROUZEAU, Jules. *A ordem das palavras em latim*. Trad. de José Mario Botelho. Rio de Janeiro : Autografa, 2017.

\_\_\_\_\_. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1946.

MARTIN, René ; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodet, 1981.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil. S. A., 2009. V. 1, 268 p.

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Almedina, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Gramática latina*. 2. ed. São Gonçalo: Márcio Moitinha Editora, 2017.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha Ribeiro; SOARES, Daniel de Assis & PINHEIRO, Paulo Fernando Moreira; MORAES, Tobias Vilhena. *Edição Bilíngue: 1ª Bucólica de Virgílio*. Rio de Janeiro: Ados, 2020.

ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.